



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACE
CURSO DE PEDAGOGIA - MAGISTÉRIO SÉRIES INICIAIS

Juliana Almeida de Carvalho Lima

INDISCIPLINA NO AMBIENTE ESCOLAR
FORMAÇÃO DE LIMITES NAS CRIANÇAS

Brasília

2007

Juliana Almeida de Carvalho Lima

INDISCIPLINA NO AMBIENTE ESCOLAR
FORMAÇÃO DE LIMITES NAS CRIANÇAS

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências da Educação – FACE, do Centro Universitário de Brasília - UNICEUB, como parte das exigências para a conclusão do curso. Orientadora Professora Dra. Maria Eleusa Montenegro.

Brasília

2007

Dedico esta pesquisa aos meus pais Augusto e Diná e a minha irmã Ana Maria, aos meus professores e amigos que me apoiaram e contribuíram para o meu aprendizado.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais:

Augusto Borges Lima (*in memoriam*) e Diná Almeida de Carvalho Lima que sempre estiveram presentes em minha vida, dando-me todo o apoio e condições para que eu concluísse os meus estudos e também todo o amor, carinho e força para que eu alcançasse o sucesso e amadurecimento. Muito obrigada. Eu amo vocês.

A minha irmã:

Ana Maria Almeida de Carvalho Lima, que sempre me apoiou dizendo que eu tinha todo o jeito para ser professora. Muito obrigada.

Ao meu namorado:

Gilberto de Castro Vieira Júnior, que se mostrou ser uma pessoa muito compreensiva, paciente e prestativa durante todo o processo dos meus estudos, com muito amor. Muito obrigada.

Aos meus amigos e amigas:

Que estiveram ao meu lado, incentivando-me e dando-me força de forma meiga e sincera. Em especial às amigas Aictyr, Ana Ercília, Jucimara e Neiva. Muito obrigada.

Aos professores:

À professora Maria Eleusa Montenegro que orientou a minha monografia com muito carinho, comprometimento e dedicação, sendo sincera em todos os momentos.

À minha professora Maura, que fez crescer mais ainda o amor à Pedagogia e à Psicologia.

Ao professor Olimpio, que sempre me esclareceu as dúvidas, além das simples horas das aulas.

Ao Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, pela ajuda na realização deste trabalho.

“Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujo os olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor assim não morre jamais.” Rubem Alves

RESUMO

A falta de limites nas crianças e as dificuldades encontradas pela comunidade escolar para resolver o problema da indisciplina foi o principal motivo da realização desta pesquisa. Este trabalho tem por finalidade levantar aspectos que tragam um pouco da história da educação e as dificuldades enfrentadas hoje na construção de valores diante dos aspectos: família, escola e professores. Esta pesquisa baseou-se na abordagem qualitativa. Utilizou-se como instrumento para a coleta de dados a entrevista, tendo como participantes quatro profissionais da educação básica - Séries Iniciais do Ensino Fundamental, que atuam em uma escola particular, localizada na Região Administrativa – Sudoeste - Distrito Federal. Para este trabalho, foram escolhidas as seguintes categorias: o entendimento dos conceitos de indisciplina e a falta de limites; características observadas em alunos indisciplinados; contribuições do professor na conscientização dos alunos indisciplinados; procedimentos levantados para a resolução do problema na indisciplina em sala de aula; apoio escolar diante da dificuldade do professor; a função do professor, escola e família na construção de limites nas crianças; e sugestões para a resolução do problema da indisciplina. Os principais resultados desse trabalho foram que: a indisciplina é um descumprimento das regras e estas existem para serem cumpridas; as características observadas nos alunos indisciplinados são: levantar demais da cadeira, questionamentos fora do contexto, gritos etc.; as punições não são as melhores formas de se disciplinar, mas sim o diálogo; é importante motivar o aluno, incluí-lo no trabalho escolar e mostrar suas qualidades; deve-se integrar a família no acompanhamento escolar do aluno; a escola deve contribuir para educação do aluno, trabalhando valores através do diálogo; e a escola deve proporcionar o vínculo entre professor e a família, fornecendo-lhe suporte na formação do aluno. Para conclusão, utilizar-se-á uma frase de Paulo Freire () onde ele afirma que “Lutar pela alegria na escola é uma forma de lutar pela mudança do mundo.”

Palavras-chave:

Escola, professores e família. Formação de limites. Disciplina.



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACE
CURSO DE PEDAGOGIA - MAGISTÉRIO SÉRIES INICIAIS

Juliana Almeida de Carvalho Lima

INDISCIPLINA NO AMBIENTE ESCOLAR
FORMAÇÃO DE LIMITES NAS CRIANÇAS

Brasília

2007

Juliana Almeida de Carvalho Lima

INDISCIPLINA NO AMBIENTE ESCOLAR
FORMAÇÃO DE LIMITES NAS CRIANÇAS

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências da Educação – FACE, do Centro Universitário de Brasília - UNICEUB, como parte das exigências para a conclusão do curso. Orientadora Professora Dra. Maria Eleusa Montenegro.

Brasília

2007

Dedico esta pesquisa aos meus pais Augusto e Diná e a minha irmã Ana Maria, aos meus professores e amigos que me apoiaram e contribuíram para o meu aprendizado.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais:

Augusto Borges Lima (*in memoriam*) e Diná Almeida de Carvalho Lima que sempre estiveram presentes em minha vida, dando-me todo o apoio e condições para que eu concluísse os meus estudos e também todo o amor, carinho e força para que eu alcançasse o sucesso e amadurecimento. Muito obrigada. Eu amo vocês.

A minha irmã:

Ana Maria Almeida de Carvalho Lima, que sempre me apoiou dizendo que eu tinha todo o jeito para ser professora. Muito obrigada.

Ao meu namorado:

Gilberto de Castro Vieira Júnior, que se mostrou ser uma pessoa muito compreensiva, paciente e prestativa durante todo o processo dos meus estudos, com muito amor. Muito obrigada.

Aos meus amigos e amigas:

Que estiveram ao meu lado, incentivando-me e dando-me força de forma meiga e sincera. Em especial às amigas Aictyr, Ana Ercília, Jucimara e Neiva. Muito obrigada.

Aos professores:

À professora Maria Eleusa Montenegro que orientou a minha monografia com muito carinho, comprometimento e dedicação, sendo sincera em todos os momentos.

À minha professora Maura, que fez crescer mais ainda o amor à Pedagogia e à Psicologia.

Ao professor Olimpio, que sempre me esclareceu as dúvidas, além das simples horas das aulas.

Ao Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, pela ajuda na realização deste trabalho.

“Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujo os olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor assim não morre jamais.” Rubem Alves

RESUMO

A falta de limites nas crianças e as dificuldades encontradas pela comunidade escolar para resolver o problema da indisciplina foi o principal motivo da realização desta pesquisa. Este trabalho tem por finalidade levantar aspectos que tragam um pouco da história da educação e as dificuldades enfrentadas hoje na construção de valores diante dos aspectos: família, escola e professores. Esta pesquisa baseou-se na abordagem qualitativa. Utilizou-se como instrumento para a coleta de dados a entrevista, tendo como participantes quatro profissionais da educação básica - Séries Iniciais do Ensino Fundamental, que atuam em uma escola particular, localizada na Região Administrativa – Sudoeste - Distrito Federal. Para este trabalho, foram escolhidas as seguintes categorias: o entendimento dos conceitos de indisciplina e a falta de limites; características observadas em alunos indisciplinados; contribuições do professor na conscientização dos alunos indisciplinados; procedimentos levantados para a resolução do problema na indisciplina em sala de aula; apoio escolar diante da dificuldade do professor; a função do professor, escola e família na construção de limites nas crianças; e sugestões para a resolução do problema da indisciplina. Os principais resultados desse trabalho foram que: a indisciplina é um descumprimento das regras e estas existem para serem cumpridas; as características observadas nos alunos indisciplinados são: levantar demais da cadeira, questionamentos fora do contexto, gritos etc.; as punições não são as melhores formas de se disciplinar, mas sim o diálogo; é importante motivar o aluno, incluí-lo no trabalho escolar e mostrar suas qualidades; deve-se integrar a família no acompanhamento escolar do aluno; a escola deve contribuir para educação do aluno, trabalhando valores através do diálogo; e a escola deve proporcionar o vínculo entre professor e a família, fornecendo-lhe suporte na formação do aluno. Para conclusão, utilizar-se-á uma frase de Paulo Freire () onde ele afirma que “Lutar pela alegria na escola é uma forma de lutar pela mudança do mundo.”

Palavras-chave:

Escola, professores e família. Formação de limites. Disciplina.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 JUSTIFICATIVA	10
3 PROBLEMATIZAÇÃO	11
4 OBJETIVOS	11
4.1 GERAL	11
4.2 ESPECÍFICOS	11
5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 10	12
5.1 DISCIPLINA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR	12
5.2 TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS E A INDISCIPLINA	14
5.3 PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DO ALUNO	15
5.4 PAPEL EDUCATIVO DA FAMÍLIA	17
5.5 O PAPEL DO PROFESSOR	18
5.6 AVALIAÇÃO FORMATIVA	20
6 METODOLOGIA	24
6.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA	24
6.2 CENÁRIO E PARTICIPANTES	24
6.3 ESPECIFICAÇÃO DAS FASES DA PESQUISA	24
6.4 INSTRUMENTO UTILIZADO	25
6.5 CATEGORIAS, ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	25
6.5.1 Categorias escolhidas	25
6.5.2 Organização, análise e discussão dos dados	26
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36
APÊNDICE – ROTEIRO DE ENTREVISTA	37

1 INTRODUÇÃO

Diante de tantas transformações na sociedade, a cada dia cresce a necessidade de se promover mudanças no processo de formação do homem, de modo que ele possa adaptar-se a esse novo momento.

Atualmente, percebe-se em muitas escolas que a indisciplina pode causar dificuldades na aprendizagem. Assim, os alunos têm sofrido de toda ordem de influências, benéficas ou maléficas, sendo produto de novas relações, novas formas de cultura, novas formas de ver o mundo, que são ditadas pela mídia, pela evolução tecnológica, pelo consumismo, pela violência, pela injustiça social, exigindo assim uma nova postura diante da sociedade.

Nesse sentido, as crianças, os pais e os professores muitas vezes não conseguem agir diante de todos esses fatores. Essa pesquisa pretende verificar a concepção de autoridade, disciplina, liberdade utilizando de pesquisas bibliográficas, e em professores do ensino fundamental sobre as questões indisciplina e falta de limites dos alunos.

Este trabalho também pretende oferecer subsídios para professores, com um embasamento teórico palpável, a fim de colaborar na preparação de alunos para que eles conheçam, explorem e transformem o contexto em que vivem.

Hoje nos deparamos com pais que não conseguem impor limites em seus filhos e tal fato vai para escola passando o problema para o professor, devido a isso é de extrema importância que o professor conheça e saiba lidar com a indisciplina, assim como as demais pessoas envolvidas no ambiente escolar.

Um professor em sala de aula deve ter preparo e conhecimento sobre a indisciplina, para assim ter uma boa desenvoltura no ambiente escolar. O aluno é o real motivo de todas as ações da escola, nele é preciso ser despertado o gosto pelo estudo. É função do professor propiciar situações para que a criança desperte para aprendizagem significativa e que o distancie dos problemas comportamentais que possam prejudicar o processo.

A indisciplina e a falta de limites são dificuldades também advindas do ambiente familiar, por isso, se faz necessário conduzir um estudo do devido problema, ou seja, o professor deve estar capacitado não só para tratar a dificuldade encontrada em sala de aula, mas também com a família.

Em sala de aula, nos deparamos com vários tipos personalidades, o que exige muito do professor. É preciso identificar como acontece a indisciplina e buscar os motivos, causas e o meio para tratar da indisciplina. Segundo Groppa (1996), a respeito da função da escola, diz que:

A escola, enquanto aparato reprodutor das relações sociais mais amplas, teria a função de disseminar a ideologia dominante no interior dessas práticas, estendendo-se desde a submissão tácita as regras da hierarquização escolar até a introjeção de conteúdos falqueadores da realidade e assumidos como naturais e acríticos.

Como foi dito acima, a falta de limites e a indisciplina influenciam na aprendizagem do aluno, sendo assim foi imprescindível a busca de informações a partir de estudos bibliográficos, além do questionário com professore do ensino fundamental, que pôde contribuir para a análise do tema.

Inicialmente pretendeu-se pesquisar a disciplina na formação escolar. Num segundo momento como a escola e a família podem intervir na formação da criança. Finalizando, abordou-se sobre o papel do professor nesse trabalho diário, tendo em vista a disciplina e a construção dos limites do aluno para que ele alcance o objetivo de viver bem dentro de uma sociedade.

2 JUSTIFICATIVA

Qual deve ser o papel da escola, dos professores e da família na formação de limites nas crianças do ensino fundamental?

Observando-se a realidade, pode-se perceber o quanto é importante e necessário valorizar e investir na formação do aluno. Dessa forma, cada instituição, ou seja, a família e a escola, dentro das suas limitações, devem procurar a melhor forma de educar o aluno para viver na sociedade. Muitas vezes, depara-se com pais que não conseguem impor limites em seus filhos e tal fato vai para a escola, passando a ser um problema para o professor. Devido a isso, é de extrema importância que o professor conheça e saiba como lidar com a indisciplina, assim como as demais pessoas envolvidas no ambiente escolar.

É de fundamental importância estudar e pesquisar sobre a formação de limites nas crianças tendo em vista as dificuldades dos agentes formadores de cobrarem isso das crianças. Sendo assim, esse estudo pretende colaborar na discussão do tema, dos papéis da família, da escola e dos professores na formação de limites nas crianças. Visa, portanto, oferecer subsídios que possam colaborar na formação dos indivíduos para que saibam viver e conviver em uma sociedade. Um professor em sala de aula deve ter conhecimento e preparo para lidar com o problema para que não atrapalhe o processo ensino-aprendizagem.

3 PROBLEMATIZAÇÃO

A escolha deste tema decorreu da necessidade de levantar subsídios que possam colaborar com o processo educativo.

O professor deve sempre procurar refletir sobre o seu papel e a sua função dentro da relação educativa, junto com a escola, como um todo, que deve fornecer recursos para isso, também com a colaboração das famílias. Acontece que muitos professores encontram-se desesperados sem a colaboração da escola e das famílias na formação nas crianças.

Espera-se que nesta pesquisa seja possível deixar explícitos aspectos que estão presentes no cotidiano escolar, com relação ao tema, que são: disciplina, autoridade, liberdade, relação ensino-aprendizagem, entre outros, para que esta acadêmica possa promover uma atuação mais adequada, bem como tomar consciência de padrões de interação com os alunos em sala de aula, procurando colaborar, também, com outros profissionais do ensino.

4 OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

Verificar aspectos do cotidiano escolar que demonstrem a falta de limites das crianças e levantar fatores que possam contribuir para a solução desse problema, com alunos do ensino fundamental.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Verificar conceitos de disciplina e liberdade em sala de aula;
- Verificar o papel da escola, da família e do próprio aluno na construção da disciplina;
- Analisar as dificuldades dos professores para formar limites nas crianças;
- Apontar alternativas que possam colaborar na formação de limites nas crianças.

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

5.1 DISCIPLINA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

Examinando-se as práticas sociais pode-se perceber as transformações das instituições. Tendo em vista essas mudanças, permite-se a indagação referente a três focos: O que é realmente ser um bom pai, um bom professor e um bom aluno?

Segundo Rebelo (2002), fazendo uma reflexão sobre os três focos citados acima, o aluno deixa de ser o único indisciplinado dentro dos limites da escola, passando a compor um rol de causas e efeitos como, por exemplo, a resistência de professores diante de novas propostas; pais que são menos participativos; práticas domesticadoras de professores e também a sua falta de formação inicial e continuada. Sendo assim, é necessário refletir sobre o “para que”, “como se faz”, “com quem” e “por que” se faz a educação.

Segundo Groppa (2003), existe uma demanda que está à procura de novos significados quanto às funções dos protagonistas das diferentes instituições e nem sempre a expectativa daquele que avalia está em harmonia com a daquele que é avaliado. Por isso, é necessário que se esclareça que disciplina não é apenas um conjunto de regras normativas. Sendo assim, o que é indisciplina?

Para Guzzoni (1995, p. 93.), a disciplina é entendida como:

Resultado do entrosamento professor-aluno, como decorrência do interesse do aluno em aprender, como consequência da responsabilidade do aluno face aos afazeres da escola, como resultado da mais pura e cabal obediência e como produto da colocação de limites.

A autora faz referência à disciplina como resultado do bom relacionamento do professor-aluno, baseado em um regime de ordem e responsabilidades conquistadas através de organização de ambos, pois para a criança o professor é o centro de tudo. Quanto ao entendimento de liberdade, Guzzoni (1995, p. 102) diz que:

A liberdade é portanto estabelecida em uma relação unilateral. É necessário sim, que os alunos sejam orientados em sua ação, cabendo à professora estabelecer ou elaborar regras juntamente com os alunos. Implícito está que tais regras deverão ser paulatinamente interiorizados pelos discentes, analisados e renegociados sempre que não mais cumprirem seu papel.

Já, para Massaguer (2002), a disciplina escolar é um conjunto de normas que tornam possível a convivência relativa à organização escolar e ao respeito entre todos os seus membros. O adulto por ter mais experiência e mais responsabilidade sabe o que convém e o que não convém e as crianças entendem isso e esperam isso para se sentirem protegidas. Daí, surge o diálogo, fazendo com que as normas não sejam apenas uma imposição, e sim um aprendizado.

O autor (MASSAGUER, 2002) afirma, ainda, que a disciplina não depende exclusivamente de um indivíduo: pressupõe a existência do disciplinador e do disciplinado em função de um objetivo, num determinado contexto. Disciplinar é um ato complementar.

Para Rego (1996), a forma como se interpreta a indisciplina, sem dúvida, acarreta uma série de implicações pedagógicas.

Segundo Tiba (1996), a responsabilidade pela mesma é de cada educador. Dentro de casa, na socialização com a família e na escola com professores, a criança aprende as regras escolares e as comunitárias. A sociedade, nesse caso, não ensina; somente sinaliza as regras, na esperança de que cada cidadão tenha esse preparo adquirido na escola e na família.

Existem quatro formas de como a disciplina pode ser assimilada: **disciplina treinada** é imposta e inicialmente estabelecido um relacionamento de confiança entre educador e educando; **disciplina adquirida** acontece quando o aluno é motivado a aprender a se disciplinar; **disciplina aprendida** é quando quem ensina é o disciplinador, quem aprende é o disciplinado e o conteúdo é a disciplina; e a **disciplina absorvida**, onde a criança admira os educadores e querem ser como eles. (TIBA, 1996).

Sendo assim, como a família deve agir? Qual a prática pedagógica que melhor contribui para a formação do aluno?

Antunes (2003) compara a existência da disciplina na escola como um incêndio na mata onde, raramente, o foco é único e, na oportunidade em que a queima de um ponto alcança a de outro, torna-se assim muito difícil a tarefa dos bombeiros. Na maioria das escolas não é diferente, a indisciplina quase sempre emana de focos: a escola e o professor em suas condutas e a família em sua atitude.

É de fundamental importância uma definição clara de regras disciplinares estabelecidas democraticamente entre diretor, professor e alunos; a comunicação entre escola e família também deve ser estabelecida, bem como as críticas em prol da melhoria.

5.2 TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS E A INDISCIPLINA

De acordo com Libâneo (1985), existem menções diretas ao tema relação professor-aluno. Para ele, as práticas docentes contemporâneas se distribuem de acordo com duas tendências: a liberal e progressista. A partir dos respectivos suportes teóricos e ideológicos, destacam-se alguns efeitos que estão ligados à relação professor-aluno.

Para este autor, dentre as tendências liberais, na tradicional ensinar é repassar conhecimentos para a criança. A atitude do professor impede a comunicação entre professor-aluno e o aluno torna-se um receptor de conteúdos. Sendo assim, a disciplina é alcançada através do silêncio e atenção por parte dos alunos e pela autoridade do professor. Já na renovada progressista, o ambiente é um meio de estimular a aprendizagem por meio da descoberta, ou seja, o professor auxilia no desenvolvimento da autonomia do aluno. Neste caso, a disciplina é alcançada através de uma tomada de consciência dos limites da vida em grupo. (LIBÂNEO, 1985).

Na tendência renovada não-diretiva, ainda segundo Libâneo (1985), a educação é centrada no próprio aluno. Assim, o professor deve ser um especialista em relações humanas, o que garante um clima de relacionamento respeitoso e autêntico. Na tecnicista, ao professor cabe administrar as condições de transmissão do conteúdo e transmiti-lo. O aluno é receptor passivo. Esta tendência está estruturada na objetividade de quem recebe, aprende e fixa as informações, onde o professor é apenas um elo entre a verdade científica e o aluno. Ambos são espectadores frente à verdade objetiva e a comunicação tem sentido técnico.

Na tendência libertadora, o professor e o aluno são sujeitos no processo de construção, reconstrução e transmissão de conhecimento. Busca conscientizar sem existir relação de autoridade, havendo muito diálogo entre educador e educando. Por sua vez, ainda segundo Libâneo (1985), a tendência libertária se encarrega em transformar a relação professor-aluno no sentido da não-diretividade, sem ameaças e obrigações. O professor é um orientador que se mistura ao grupo para uma reflexão comum.

Por último, progressista “crítico-social dos conteúdos” visa a troca entre o sujeito e o meio; o professor tem o papel de orientador e mediador nesse processo. Todo meio de ação e decisão se misturam.

Ao se analisar as tendências, percebe-se a importância de conhecê-las uma vez que cada uma delas percebe a relação professor-aluno de forma diferenciada, influenciando no comportamento da turma. Segundo Libâneo (1995, p. 44),

[...] situar o ensino centrado no professor e o ensino centrado no aluno em extremos opostos é quase negar a relação pedagógica porque não há um aluno, ou um grupo de alunos, aprendendo sozinho, nem um professor ensinando para as paredes. Há um confronto do aluno entre a sua cultura e a herança cultural da humanidade, entre seu modo de viver e os modelos sociais desejáveis para um projeto novo de sociedade. E há um professor que intervém, não para se opor aos desejos e necessidades ou à liberdade e autonomia do aluno, mas para ajudá-lo a ultrapassar suas necessidades e criar outras, para ganhar autonomia, para ajudá-lo no seu esforço de distinguir a verdade do erro, para ajudá-lo a compreender as realidades sociais e sua própria experiência.

5.3 PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DO ALUNO

Segundo Aquino (2003), com a Revolução Industrial nascia um novo mundo de trabalho, baseado no domínio da máquina, que exigia habilidades de uma população que se constituía, a maioria, das pessoas analfabetas e que viviam e trabalhavam no mundo agrário. Trabalhar com o campo ficou para segundo plano à medida que avançava a tecnologia, exigindo assim o aprimoramento das pessoas nesse campo. E quem tinha o acesso às escolas neste momento era a classe burguesa.

Donatelli (2003) diz, sobre o assunto, que “desde sempre a escola servia para oferecer parâmetros de comportamento que dessem à sociedade um conjunto de princípios e valores que ficavam entre o religioso e o militar”.

Ainda de acordo com o pensamento de Aquino (2003), a escola obrigava a regras disciplinares exemplares; então, o seu papel era de ser moralizadora de seus sujeitos, tornando assim o aluno como um mero receptor de informações. Antigamente, a escola exigia um alto grau de concentração e passividade de seus alunos, junto com a família, ordenada e patriarcal. Tratavam os alunos como “idiotas” frente a um modelo educacional, tirando deles qualquer autonomia intelectual. A escola burguesa não se importava com os interesses das crianças.

Com o tempo, as pessoas puderam perceber que, para os alunos serem formados, era necessário que houvesse uma reflexão do que era permitido e do que não era. E também passaram a perguntar: para que serve passar anos em um lugar em que acumulamos coisas que por muitas vezes são desconexas e sem sentido?

Atualmente, as escolas têm enfrentado vários problemas como, por exemplo, a falta de disciplina, de respeito e responsabilidade, junto com a dificuldade dos educadores de tomarem atitudes de autoridade conforme a sua função, pelo risco de serem “massacrados” pela corrente da educação. Nesse sentido, afirma Aquino (2003), “algumas instituições visam

apenas o interesse financeiro, não medindo a qualidade de ensino e tampouco a formação real do aluno.”

Na visão de Antunes (2003, p.20), sobre este aspecto,

A escola é, indiscutivelmente, um foco de indisciplina, muitas vezes por sua organização interna, por seus sistemas de sanções, pela não integração e união entre sua equipe docente e administrativa, pelo estilo da autoridade exercida, mas, sobretudo pela ausência de clareza como encara a questão disciplinar.

Seguindo ainda o pensamento de Antunes (2003), de acordo com essa realidade, os professores entram em choque com os alunos, gerando o problema de indisciplina e a escola age tratando o “freguês” como a pessoa que tem a razão, tendo como resultado professores-vítimas que se calam diante de sua impotência, formando assim maus alunos e, como consequência, levando à má qualidade do ensino do Brasil.

Neste tipo de educação não há construção do conhecimento e nem a busca de uma transformação e superação de dificuldades sociais; apenas se transmite valores de forma simplificada anulando o poder criativo do aluno que é totalmente capaz de participar do processo de construção histórica. Educar é um ato de amor e o diálogo é fundamental para que haja esse entendimento.

A autora Guzzoni (1995, p. 47-49), sobre o conceito de autoridade, diz que:

O significado da autoridade na relação educativa só pode ser entendido na figura do professor ou de um membro do corpo docente, que tenha um papel determinado: o de ser mediador entre o conhecimento elaborado e aquele que será construído pelo aluno. A função do professor competente está, pois, em organizar, selecionar e explicitar o saber construído, até então, pelas gerações precedentes, de modo a propiciar ao educando condições dele se apropriar, transformando-o se necessário for. Assim, o educador estará interessado na formação de um sujeito bem informado, capaz de pensar, compreender o significado desse pensamento, e de sua importância para a vida atual e futura.

Seguindo o pensamento desta autora, para que a escola se transforme em uma escola que forme seus alunos para a vida e para o sucesso, é necessário assumir uma definição clara de algumas regras disciplinares lúcidas e coerentes estabelecidas democraticamente entre diretores, professores e alunos. Também, estabelecer canais abertos e limpos de comunicação entre alunos, diretores, pais, orientadores e professores. A criação de centrais de atendimento poderá ajudar alunos com dificuldades cognitivas ou emocionais, pais que precisem de orientação e acompanhamento de professores que precisem de apoio.

Ainda para a referida autora, deve-se implantar núcleos de apoio pedagógicos permanentes para atuarem como “Escola dentro da escola”, antecipando caminhos, prevendo

desastres, sugerindo salvamentos, antecipando males evitáveis e criando uma associação de pais e mestres que tenha projetos ousados, que sejam integrados, com poderes de ajuda e que sejam críticos. Também, horário de aulas inteligente, junto com uma mudança nos planejamentos pedagógicos, preocupados com a verdadeira construção do conhecimento. (GUZZONI, 1995).

Nesse sentido, a escola estaria contribuindo para o desenvolvimento real da criança e não estaria sendo mais uma instituição excludente.

Conforme relata Tiba (1996), “a disciplina é uma qualidade de relacionamento humano entre o corpo docente e os alunos em uma sala de aula e, na escola”.

5.4 PAPEL EDUCATIVO DA FAMÍLIA

De acordo com Groppa (2003), a família é entendida como o primeiro contexto de socialização da criança, sendo assim, as famílias devem preparar seus filhos para arcarem com suas responsabilidades. Cabe aos pais delegar tarefas que seus filhos que sejam capazes de cumprir. Os pais devem saber também que a liberdade absoluta não existe; ela está ligada com a sensação de satisfação, por exemplo, para quem estuda, as férias podem ser liberdade dos estudos; mas devem saber que o fato de não estudarem não os torna livre. E os pais não podem apenas se render aos caprichos dos filhos, pois eles podem pensar que “se nem meus pais mandam em mim, quem são vocês (professores) para mandarem?” Também é preciso ensinar a reconhecer a liberdade alheia, para não tornar aos outros e a si, submissos diante das situações.

Ainda segundo Groppa (2003), os limites fazem parte da formação da criança. Estabelecer regras e fazer as crianças conviverem com elas é fundamental para a formação de adultos equilibrados e seguros. Assim, você estará deixando a criança segura, mostrando que se importa com ela. Tão importante quanto dar limite é saber como atuar quando a criança o rompe. Ao “punir” os filhos tem que deixar claro o porquê. Complementando este pensamento, Araújo (1996) afirma que “a criança começa a compreender a existência de regras sociais, mas acredita que quem sabe o que é certo são os mais velhos.”

Desta forma, é importante perceber que palmadas não corrige, não “dá lição” e não contribui positivamente na criação de valores morais, para que a criança, sozinha, crie a sua consciência. E que nem castigo, apenas, dá resultado se a criança não percebe o significado.

A relação familiar desagregada faz com que a relação professor verso aluno e aluno verso professor se transforme em conflitos geradores de indisciplina. Conforme Rego (1996),

a família tem uma forte influência sobre as crianças. Suas práticas e atitudes de criação interferem no desenvolvimento pessoal. Sendo assim, ela classifica três tipos de pais: Os pais autoritários, que são bastante rígidos e terminam passando regras impostas sem se preocupar em explicar aquilo para a criança. Os pais permissivos, que valorizam o diálogo, porém, não estabelecem limites; também os democráticos que parecem conseguir maior equilíbrio entre a necessidade de controlar e dirigir as ações infantis, estimulando as crianças através da comunicação e do afeto, pois assim conseguem compreender o ponto de vista de seus filhos e também estabelecem regras e limites.

Como mostra Groppa (2003), os pais investem caro na educação de seus filhos e algumas crianças não sabem ainda como e o porquê dar valor a esse investimento: é nesse momento que os pais precisam ser participantes ativos. Os alunos vão para a escola, recebem as informações, voltam para casa e precisam “pegar” os elementos importantes e transformá-los em conhecimento. Os pais precisam preparar um local adequado para o estudo e estimular a criança na aprendizagem. Os pais não devem sobrecarregar as crianças em atividades extras, pois horários apertados comprometem o rendimento. Devem estabelecer o tempo de estudo máximo dos filhos, com breves descansos durante e após o término dos estudos. Os pais devem estar atentos à posição dos filhos na hora de estudar. É bom que os filhos estudem no mesmo horário, que não tenham televisão, cama, brinquedos, música, entre outros, enquanto estiverem estudando; quem tiver terminado, não deve distrair quem ainda estiver estudando.

5.5 PAPEL DO PROFESSOR

O educador que se constitui em autoridade é aquele que assume um compromisso com a autonomia do aluno. Para que o professor contribua com a melhoria do ensino e colabore para a superação da indisciplina é preciso mudar a sua prática educativa, ou seja, para que o professor seja uma autoridade e cobre disciplina de seus alunos, é necessário que seja disciplinado, tenha total domínio do conteúdo e seja democrático.

Ao falar de disciplina, não significa que, a disciplina que se busca, seja aquela na qual o aluno obedece ao professor, com medo de errar ou de atrapalhar a sala; ao contrário, busca-se, aquela que o aluno seja participativo questionador, que se relacione bem com o professor e os colegas, respeite a hora de ouvir e de falar e tenha a sua própria opinião, ou seja, o professor, agindo dessa forma, acaba caindo em um abusivo autoritarismo, o que é antipedagógico.

À medida que os alunos amadurecem, começam tomar suas próprias decisões relacionadas às normas de trabalho em sala de aula. O professor deve oferecer os meios de desenvolvimento e retirar os obstáculos, para que a criança possa se expressar livremente. A disciplina pode ser entendida como a condição de direção inteligente do comportamento. Portanto, a disciplina pressupõe as condições em que aprendizagem ocorre e um autocontrole dos impulsos.

Na visão de Antunes (2003), “todo professor é e sempre será um artesão de amanhã e por isso tem que descobrir qualidades, investigar talentos, surpreender-se com revelações e ainda ressaltar e preservar a auto-estima de seus alunos”.

Ainda segundo Antunes (2003), Conversar com um aluno, sobre sua indisciplina, é sempre mais fácil quando é uma conversa de pessoas que se conhecem, de companheiros em lados diferentes. Por tal motivo, é a importância de conhecê-lo, chama-lo pelo nome, dar conselhos e dividir os momentos bons ou ruins.

Continuando o pensamento de Antunes (2003) quanto à postura do professor, é que o educador precisa ser assíduo e pontual; associar o conhecimento novo aos saberes que os alunos possuem (trabalhar a aprendizagem significativa); preparar a aula de maneira cuidadosa; traçar um projeto de atividades anuais, dividindo suas etapas semana após semana; estabelecer em consenso com a classe os limites desejáveis das condutas e cobrá-los sempre de maneira imediata e coerente; definir a hora de ouvir e falar; entrar em sala e sem demora, começar a aula; falar com clareza; e elaborar um plano de aula simples e coerente. Agindo assim, o professor facilitará o processo.

A relação professor-aluno deve ser harmoniosa, e, para isso, é necessário que o professor “dê o tom”, ou seja, tome as iniciativas e estabeleça como será o relacionamento na turma, para assim, haver uma interação em ambos, estabelecendo limites.

Conforme relata Tiba (1996), “disciplina é uma qualidade de relacionamento humano entre o corpo docente e os alunos em uma sala de aula e, na escola”.

O relacionamento entre as pessoas de diferentes idades e desenvolvimentos é delicado, pois as idéias e os objetivos são diferentes. Por tal motivo o professor deve ser cauteloso e sensível para tratar com as diversidades do dia-a-dia e assim estabelecer um bom relacionamento com a turma, estabelecendo limites.

Segundo a autora Garrel (2002, p. 84), sobre os conceitos de educação e valores, ela afirma que:

A educação e os valores devem ser interpretados como um instrumento de mudança, de transformação pessoal e coletiva que permite ajudar a detectar e a criticar os aspectos injustos da realidade cotidiana e das normas vigentes, que impulse a construção de formas de vida mais justas, que permita elaborar de maneira autônoma, racional e dialogada, princípios gerais de valor, assim como conseguir que os estudantes adquiram condutas e hábitos coerentes com os princípios e as normas construídas.

Segundo Guzzonni (1995), o professor precisa estar atento a algumas medidas para a contribuição na formação do aluno, como por exemplo: cobrar, com firmeza e sem perder o humor, a colaboração de todos. Falar com expressividade e clareza; movimentar-se o tempo todo e manter-se alerta, mostrando sempre calma e serenidade; saber dar a devida importância ao tom de voz empregado e estudar a linguagem textual; nunca comparar um aluno ao outro; possuir projetos de avaliação claros e explícitos; cumprir com integridade tudo o que prometeu; saber delegar aos alunos tarefas e funções junto à classe que explorem capacidades de aprender e de aprendizagem; fazer revisões periódicas do aprendido; organizar de forma eficaz, na medida do possível, em consenso com os alunos, o espaço da aula e a disposição dos lugares de cada um e cuidar da sua apresentação, dignificando a importância e o sentido do ato pedagógico.

5.6 AVALIAÇÃO FORMATIVA

É necessário valorizar o aluno, conhecendo-o sem pretender julgá-lo. Segundo Villas Boas (2006), a avaliação que é praticada atualmente nas escolas, cumpre duas funções principais: a de classificar o aluno ou promover a aprendizagem. A primeira é a que tem sido mais praticada, classificando-o pelas notas, por nível de aprendizagem, pelo seu comportamento, muitas vezes rotulados etc. Quando esses resultados insatisfatórios se apresentam, questiona-se a avaliação e é comum responsabilizar o aluno e a família. Os alunos são preguiçosos ou indisciplinados e seus pais são culpados de não auxiliá-los nas tarefas de casa, na construção dos valores e na não colaboração com a escola.

Segundo o pensamento de Villas Boas (2006), a avaliação formativa pode contribuir para a mudança do cenário educacional. Mas, para isso, é preciso entender o que é avaliação formativa. A avaliação formativa é conduzida pelo professor e está destinada a promover aprendizagem, levando em conta o progresso individual (não inteiramente baseada em critérios). Valoriza as capacidades e as idéias dos alunos e esses progredem, se entenderem suas possibilidades e fragilidades, se souberem como relacionar com elas. Sendo assim, pode-se entender que a avaliação formativa acontece para o encorajamento do aluno, permitindo

que se considere o esforço do mesmo e o seu contexto particular. É importante o envolvimento do aluno nesta avaliação, o que o torna parceiro dessa atividade.

Os alunos sofrem ao serem rotulados como “bagunceiros” e indisciplinados, pois assim eles acabam sendo rejeitados. Por isso, é importante que o professor tenha discernimento sobre a avaliação somativa e avaliação formativa.

Segundo Hoffmann (2006), na avaliação formativa, antes do ano letivo e também no início dele, existe o “tempo de admiração”. No tempo de admiração, o professor resgata do aluno suas histórias de vida, junto com professores passados e a família; é uma pessoa presente, atenciosa e aberta a ouvir a experiência do aluno, o que permite, ao professor, interpretar os significados do que foi percebido, o que vai muito além de “rótulos”.

Seguindo ainda o pensamento de Hoffmann (2006, p. 26.), ela afirma que o “olhar avaliativo”:

É por natureza complexo e multidimensional. Caracteriza-se, justamente, por interpretações de diferentes intensidades e matizes (qualidade), sobre as múltiplas dimensões do aprender de cada aluno (aprendizagem), que se realizam a partir de concepções de educação, de sujeito, de sociedade também diferentes (avaliação). Dessa forma, os “juízos” de cada avaliador são sempre complexos e subjetivos à medida que se originam dessa trama de conceitos multidimensionais.

A referida autora acrescenta, ainda, que o cenário avaliativo pode ser diretivo e limitador ou provocativo e convidativo. Quando o ambiente não é significativo, acaba dando origem à indisciplina; quando contrário, acaba dando origem a tarefas e manifestações dos alunos que se constituem em instrumentos de avaliação. (HOFFMANN, 2006).

Segundo Groppa (2003, p. 59-60), quando se trata de educação em valores, que não é nem classificatória e nem excludente, destacam-se como objetivos:

- Atribuir igual importância aos âmbitos cognitivo, afetivo e moral do aprendizado escolar;
- Aborda temas curriculares contextualizados segundo os dilemas da cidadania contemporânea, em particular, aqueles relativos aos direitos humanos (preconceito, desigualdade, injustiça e etc.);
- Propor sistematicamente a vivência de situações-problema – do ponto de vista do convívio democrático – como disparadoras da construção das competências e habilidades, ambas ancoradas, por sua vez, em valores universalmente desejáveis, tais como igualdade, solidariedade e justiça.
- Gerenciar conflitos escolares numa perspectiva dialógica e de respeito mútuo, a partir de trocas significativas entre os membros da comunidade escolar;
- Desenvolver a tomada de consciência e a capacidade autônoma de escolhas, no que se refere ao universo e não apenas ao juízo moral, o que se traduziria numa apropriação mais significativa e conseqüente das ações escolares por seu alunado;

- Vivenciar, enfim, o próprio espaço escolar (em especial, a sala de aula) como local privilegiado de participação democrática ativa e, ao mesmo tempo, de legitimação dos fundamentos que regem o modo de vida democrático.

Conforme Villas Boas (2006), a formação de professores para a avaliação engloba as suas experiências como alunos, tendo como objetivo a inclusão e não a exclusão, que se manifesta de várias formas, como reprovação, recuperação etc. Antunes (2003), sobre este assunto, afirma que é necessário que o professor possua projetos de avaliação claros e explícitos, preocupando-se mais com a aprendizagem do que com o resultado. Nunca deve fazer da prova um “terror”, uma ameaça, para que os alunos se comportem bem em sala. Quando o professor se torna companheiro do aluno e o acompanha na construção do seu conhecimento, significa estabelecer limites, construindo, assim, democraticamente, uma interação.

Na avaliação formativa, Hoffmann (2006) afirma que o conselho de classe e a auto-avaliação são instrumentos importantes para o processo de aprendizagem. O conselho de classe tem como sentido compreender o aluno, reunindo vários elementos, permitindo entendê-lo melhor e criando novas estratégias adequadas a cada um deles. A auto-avaliação permite ao aluno agir de forma autônoma sobre o comportamento e aprendizagem.

O Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas – CEFET (HOFFMANN, 2006) oferece, como sugestão, uma avaliação processual que prevê a observação dos alunos. Neste caso, o professor possui uma ficha de acompanhamento com uma foto e nesta ficha os próprios alunos registram sobre sua aprendizagem e seu comportamento, no que eles chamam de “diário de bordo”.

Segundo Hoffmann (2005), respeitar as diferenças do aluno é pouco. É necessário valorizá-lo. Sobre isso ela afirma que:

Somos diferentes. Essa é a nossa condição humana. Pensamos de jeitos diferentes, agimos de formas diferentes, sentimos com intensidades diferentes. E tudo isso porque vivemos e aprendemos o mundo de forma diferente. A questão não é se queremos ser ou não diferentes. Mas que, como seres humanos, nossa dignidade depende substancialmente da diversidade, da alteridade, porque precisamos garantir o caráter subjetivo de nossa individualidade. (HOFFMANN, 2005, p. 39).

Ainda, seguindo o pensamento da referida autora, é preciso que haja uma verdadeira transformação, onde ao professor precisa ser assegurado o seu papel de protagonista da ação pedagógica. Sendo assim, ele precisa assumir um compromisso pessoal com a reconstrução da sua prática. Além das práticas, deve promover as mudanças de concepções, inovar e criar novas formas de fazer, a partir de suas novas concepções. O “olhar” do professor deve ser

sensível, olhar além dos estereótipos e preconceitos, pois isso interfere na auto-estima do aluno. Situações conflitantes entre professor e aluno podem se estender à análise de tarefas e ao desempenho escolar. Generalizar também, pode interferir e atrapalhar na reflexão que uma avaliação exige. (HOFFMANN, 2005).

6 METODOLOGIA

6.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA

O estudo foi feito baseado na perspectiva qualitativa que segundo Bogdan e Biklen, esta pesquisa

envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes. (1986, p. 13)

Sendo assim, este trabalho ocorreu de forma sistemática e foi realizado num determinado período, no “dia após dia”, e se complementou com um questionário, o que disponibilizou maiores elementos para serem analisados.

Este tipo de pesquisa proporcionou condições de viabilizar dados sobre como os professores devem trabalhar de forma ativa e participativa, na formação de limites nas crianças.

6.2 CENÁRIO E PARTICIPANTES

A pesquisa foi realizada em uma escola particular localizada na Região administrativa Sudoeste, em Brasília – Distrito Federal.

Hoje, esta escola atende desde o berçário ao 9º ano, e é dotada de requisitos como: uma academia de ginástica, espaço para aulas de artes plásticas, artesanato, reforço escolar, ensino de línguas, horário alternativo etc. Estes dados foram observados por esta acadêmica, que também é professora desta escola. Participou desta pesquisa um total de quatro professores da educação básica 3º e 4º anos.

6.3 ESPECIFICAÇÃO DAS FASES DA PESQUISA

As atividades desta pesquisa aconteceram entre os meses de agosto de 2006 a junho de 2007 e constou com as seguintes etapas:

No mês de agosto DE 2006 foi definido o tema.

A elaboração do projeto foi realizada em setembro de 2006.

A construção do instrumento de pesquisa aconteceu em outubro de 2006.

A revisão bibliográfica foi feita em setembro de 2006 até maio de 2007.

A aplicação do instrumento ocorreu em março e abril deste ano.

A organização, análise e discussão dos dados em abril de 2007.

A elaboração do relatório final em maio de 2007, e a apresentação oral, em maio do mesmo ano.

6.4 INSTRUMENTO UTILIZADO

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário aplicado em professoras dos 3º e 4º anos do ensino fundamental, cujo objetivo foi buscar informações sobre a questão da indisciplina. O roteiro desse questionário encontra-se no Apêndice. A elaboração deste questionário teve a preocupação quanto ao tamanho, conteúdo, organização e clareza, para que estimulasse o informante a responder.

Segundo Barros (1990), sobre o objetivo do questionário, “é um instrumento muito usado para o levantamento de informações.”

6.5 CATEGORIAS, ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

6.5.1 CATEGORIAS ESCOLHIDAS

Para este trabalho, foram escolhidas as seguintes categorias:

- ◆ O entendimento dos conceitos de indisciplina e a falta de limites;
- ◆ Características observadas em alunos indisciplinados;
- ◆ Contribuições do professor na conscientização dos alunos indisciplinados;
- ◆ Procedimentos levantados para a resolução do problema de indisciplina em sala de aula;
- ◆ Papel da escola, da família e do professor na construção de limites nas crianças;
- ◆ Sugestões para a resolução do problema da indisciplina.

O espaço das salas de aula é muito grande, mas as turmas são pequenas. Os ambientes são organizados, e o método usado pela instituição é piagetiano. A escola está em bom estado de conservação.

6.5.2 ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A instituição na qual foi realizada a pesquisa tem sua estrutura administrativa constituída por direção, secretaria, serviços técnico-pedagógicos, serviço técnico-administrativo e de apoio. Possui também serviço de contabilidade, zeladoria e almoxarifado.

Foram coletados dados com quatro professoras de uma escola particular, que atuam nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Os docentes entrevistados encontravam-se na faixa etária entre 20 e 49 anos. Em média, possuíam entre 10 a 27 anos de atuação em sala de aula. Todas concluíram a graduação em Pedagogia.

Os dados foram organizados, analisados e discutidos, conforme a descrição a seguir:

- O entendimento dos conceitos de indisciplina e a falta de limites

Professora 1: “Que isso é gerado por diversos fatores: familiar, emocional e psicológico. A falta de limites é um fator que deve ser bem analisado, pois em casa as crianças, hoje em dia, fazem o que querem e quando chegam na escola há o choque. Existem regras a serem cumpridas e eles têm dificuldade de assimilá-las. Aí gera a indisciplina, o mal-estar, a ansiedade e a angústia”.

Professora 2: “A falta de limites leva à indisciplina, fator que atrapalha o processo de ensino-aprendizagem. A indisciplina ocorre quando o aluno deixa de cumprir as normas estabelecidas em sala de aula, com brincadeiras indevidas, conversas em excesso e não cumprimento das tarefas solicitadas.”

Professora 3: “A indisciplina é uma atitude que o aluno tem que corresponde à rebeldia, a insubordinação. Para mim, é uma dificuldade para a criança respeitar regras que são impostas pela escola, pela professora ou pela própria família. A falta de limites está, ao meu ver, diretamente ligada a indisciplina.”

Professora 4: “É qualquer ato ou omissão que contraria alguns princípios de regulamentos ou regras básicas estabelecidas pela escola ou pelo professor ou pela comunidade.

As professoras entrevistadas foram unânimes em relatar que a indisciplina é um descumprimento das regras e que estas existem para ser cumpridas. A professora 2 citou exemplos de indisciplina que seriam as brincadeiras indevidas, o excesso de conversa e o não cumprimento das tarefas solicitadas. De acordo com a professora 1, a indisciplina é gerada

por vários fatores: familiar, emocional e psicológico. Segundo a citação de Massaguer (2002, p. 39) a esse respeito, “a disciplina escolar é um conjunto de normas que tornam possível a convivência relativa à organização escolar e ao respeito entre todos os seus membros.”

- Características observadas em alunos indisciplinados

Professora 1: “Diversos. O que mais me marcou foi um aluno no ano de 2005 – 3ª série. Respondia, cuspiam nos colegas, se jogava no chão, dançava e gritava. A indisciplina era causada por fator familiar. Pais separados, final de semana com o avô, não levava lanche para a escola, uniforme furado, não fazia deveres, aparecia muito machucado, queimado nas costas, enfim, era vítima do contexto familiar onde o meu papel não era de recriminar. Ter paciência sim é o papel do educador. É difícil! Ficava em cada escola 6 meses. Comigo, ficou um ano. O pai ficou com tanta vergonha de mim que o levou para uma escola religiosa onde está dando o maior problema. Que Deus o proteja.”

Professora 2: “Sim. O aluno indisciplinado gosta de chamar a atenção dos demais colegas. Muitas vezes ele não faz o que é proposto pelo professor e tenta fazer com que os outros colegas não façam também. Conversa excessiva, ‘piadinha’, entre outros. São formas que o aluno indisciplinado encontra para ‘burlar’ as normas pré-estabelecidas pelo professor.”

Professora 3: “Já tive vários, acho que todo professor recebe pelo menos um por ano em sua classe. Pude observar as seguintes características: falta de interesse por qualquer conteúdo dado, dificuldade em obedecer as regras colocadas pela própria classe, atitudes agressivas, não conseguir ficar sentado, chamar a atenção dos amigos para suas atitudes negativas.”

Professora 4: “Sim. Era um aluno que apresentava uma inquietação muito grande durante as aulas. Não respeitava qualquer solicitação da professora. Não ouvia ninguém, menosprezando até mesmo os colegas. Levantava-se constantemente e dirigia-se à mesa de algumas colegas para distraí-las com outros assuntos. Somente executava aquilo que lhe convinha. Era como se quisesse atrair a atenção para si, o tempo todo. Quando demonstrava que ia participar da aula, fazia questionamentos totalmente fora do contexto. Após algumas conversas com a mãe, foi detectado um problema familiar, pois a mãe estava num segundo casamento e recentemente havia tido um filho. A diferença de idade entre as crianças era de 7 anos. A mãe relatou, inclusive, que o comportamento do aluno era semelhante em casa. Foi realizado um trabalho entre o SOE e uma psicopedagoga para avaliar o caso.”

Os dados das professoras, quanto à condução dos problemas, foram semelhantes. Cita-se, como exemplo, a professora 1 que afirmou que algumas características que ela observou em um aluno indisciplinado foram que ele “respondia, cuspiu nos colegas, jogava-se no chão, dançava e gritava”; e para a professora 4, existem algumas características como faltas às aulas, falta de respeito com as solicitações feitas, o aluno levanta-se muito para se dirigir à mesa dos colegas e questionamentos fora do contexto. Nessas duas professoras foi possível descobrir algo em comum, ou seja, a citação de que as duas crianças estavam passando por um problema familiar. Conforme a citação da autora Rego (1996, p. 29), que é semelhante ao pensamento das professoras, “a família tem uma forte influência sobre as crianças. Suas práticas e atitudes de criação interferem no desenvolvimento pessoal”.

- Contribuições do professor na conscientização dos alunos indisciplinados

Professora 1: “É complicado. Cada caso é um caso. Tem que ver as causas. Punir crianças é perigoso e traumático. Não sou a favor de jeito nenhum. Trabalho com prevenção. Esse é o papel do psicopedagogo-professor. Sou contra as punições. Com os direitos das crianças é perigoso você usar esse termo ‘punição’. Parece ‘criminoso’. Tirar o que gosta, separar do amigo mais próximo, tirar o recreio nem pensar. Às vezes o indisciplinado não é porque quer, às vezes também a criança não tem noção do que faz, é imaturo, faz tudo de novo e em minutos esquece com facilidade que punir não é a melhor atitude! Muitas vezes eu rezo para essas crianças. Com isso, sinto-me aliviada. Faço o meu papel, se cada um fizesse o seu seria ótimo.”

Professora 2: “A conversa é sempre a primeira tentativa que o professor deve fazer, de preferência fora da sala, longe dos demais colegas. Quando isso não resolve, é necessário a intervenção do SOE. Este aluno deve entender que as normas existem e devem ser cumpridas. Inicialmente deve se buscar o diálogo, e se não houver resultado, deve-se cumprir o regimento interno da escola.”

Professor 3: “Penso que não se deve utilizar punições para alunos indisciplinados; acredito em um trabalho de conscientização, que não é fácil e nem rápido, onde cada aluno acaba percebendo que é bem melhor estudar num ambiente tranquilo e harmonioso em que todos se respeitam e se sentem felizes.”

Professor 4: “A presença de alunos com este tipo de comportamento tumultua o processo pedagógico. O professor sempre fica limitado em suas ações, pois não dispõe de tempo suficiente e necessário para orientar este aluno. Geralmente, as salas de aula são muito cheias;

o professor tem um planejamento a ser cumprido, e alunos com este comportamento conseguem envolver os outros, levando-os a provocar uma desorganização na sala. Não acredito que a ‘punição’ seja competência do professor. O professor, geralmente, acaba assumindo este papel quando não há uma estrutura na escola que possa dividir com ele essa responsabilidade. De certa forma, existem, também, situações que o professor não divide esta situação, pois pode ser visto como um docente que não tem domínio da turma. Em minha opinião, acho que o aluno nesta condição deveria ser retirado da sala, levado ao SOE e lá ser feito um trabalho disciplinador. E o aluno retornaria à sala de aula, assim que tivesse mais calmo e de certa forma, com a sinalização de um reconhecimento de um ser comportamento errado. Claro que existem situações em que não há necessidade de saída do aluno, pois somente com a intervenção do professor o aluno reconsidera o seu comportamento e a sala volta a transcorrer normalmente.”

As participantes foram unânimes em relatar que as “punições” não são as melhores formas de disciplinar os alunos. A professora 1 acredita que é melhor trabalhar com a prevenção, que não se deve punir as crianças porque elas têm direitos. Geralmente, ela age da seguinte forma: “Tirar o que gosta, separar do amigo mais próximo, mas tirar o recreio nem pensar”. A professora 2 busca o diálogo e acredita que a intervenção do SOE ajuda. A professora 4 complementa que na escola eles podem fazer um trabalho disciplinador. Sobre este aspecto, de acordo com Aquino (2003, p. 56), as escolas têm passado por um processo de mudança, e as pessoas puderam perceber que era necessário, para educar as crianças, que elas tivessem uma reflexão do que é permitido e do que não é. Segundo Tiba (1996, p. 97), “a disciplina é uma qualidade de relacionamento humano entre o corpo docente e os alunos, em uma sala de aula e na escola”.

- Procedimentos levantados para a resolução do problema de indisciplina em sala de aula

Professora 1: “Diálogo sempre. É raríssimo eu recorrer ao orientador educacional.”

Professora 2: “Conversando, tentando conscientizar o aluno sobre a importância de se respeitar a professora e os demais colegas. Separar os alunos que são indisciplinados também é uma alternativa que as vezes resolve.”

Professora 3: “Procuro trabalhar com eles na própria construção das regras, assim eles mesmos acabam se auto regulando e se submetendo às regras coletivas. As crianças geralmente absorvem esse trabalho de maneira espontânea, pois as regras são todas discutidas em sala e sempre que preciso, relembra-las no momento em que forem desrespeitadas. Outra forma é dar o reforço positivo para o certo e indiferença para o errado. Ressaltar sempre o positivo. Vale a pena! Todos vão querer escutar elogios. Costumo criar com eles também os objetivos da semana: traço um objetivo a cada segunda que será cumprido até sexta. A turma conseguindo a meta, será premiada com recreação, filme, pipoca e outros. Enfim, acredito que a disciplina é um conteúdo que deve ser trabalhado diariamente como qualquer outro; sem disciplina não existe, a meu ver, aprendizado nem crescimento.”

Professora 4: “Seria demagogia da minha parte dizer que é fácil contornar a situação. Já li vários depoimentos em que o professor consegue reverter à situação “dando muito carinho, muita atenção à criança, conversando com o aluno”, teorias, enfim, que fogem à realidade vivida por mim, pois não era falta de nenhum desses elementos que levavam o aluno a ter o citado comportamento. Procurei entrosar o aluno com o grupo, sempre o inseria nas atividades, chamando-o ao quadro, colocando-o como responsável em determinada atividade, sendo representante de turma e a aula volta a transcorrer normalmente.

As professoras 1 e 2 concordaram que o diálogo é importante e a professora 2 complementou afirmando sobre a necessidade de se convsar “sobre o respeito às professoras e aos demais colegas”. As professoras 3 e 4 concordaram que é importante motivar o aluno indisciplinado; a professora 4 ainda sugeriu a inserção do aluno no trabalho escolar, como apagar o quadro, ser representante, ser responsável por determinada atividade. Nesse sentido, segundo Antunes (2003, p. 28), “todo professor sempre será um artesão do amanhã e por isso tem que descobrir qualidades, investigar talentos, surpreender-se com revelações e ainda ressaltar e preservar a auto-estima de seus alunos”.

- Apoio escolar diante da dificuldade do professor

Professora 1: “Retirá-lo para o diálogo longe dos colegas. Chamar os pais”

Professora 2: “Comunicando aos pais, para que, juntamente com a escola, se possa resolver esse problema. A parceria escola-família é fundamental.”

Professora 3: “A escola pode ajudar fazendo um trabalho junto ao SOE, trazendo para a sala trabalhos reflexivos onde os alunos possam conscientizar sobre a importância do respeito aos limites e direitos dos outros.”

Professora 4: “Geralmente as escolas adotam uma política de conversas. Chama-se o aluno e conversa. Chamam-se os pais e conversa-se. Chama-se um profissional da área e conversa-se. Mas sinto que não existe o tão falado trabalho integrado, pois, quando o aluno reconhece a sua atitude, é ótimo. Quando os pais reconhecem que existe um problema familiar a ser resolvido, muitas vezes, até buscar um trabalho específico para o caso, demanda-se muito tempo e período letivo, pois o novo professor, geralmente desconhece os problemas já diagnosticados e age naturalmente como se estivesse iniciando um novo processo. E quando acontece, deste ser informado, não existe uma continuidade, pois a escola perde essa ligação por um determinado período. Resumindo, sinto falta de um acompanhamento mais sistemático, ou seja, uma informação mais detalhada quanto às atitudes a serem tomadas pelo professor em sala. Até mesmo atitudes, se forem necessárias, ‘punitivas’, porém respaldadas pela direção da escola.”

Sobre o que diz respeito a chamar os pais na escola para conversarem sobre seus filhos, as quatro professoras foram unânimes em afirmar ser tal fato importante. Porém, a professora 4 sente dificuldade em integrar a família à escola no acompanhamento do aluno indisciplinado, resumindo assim: “ Sinto falta de um acompanhamento mais sistemático, ou seja, uma informação mais detalhada quanto às atitudes a serem tomadas pelo professor em sala. Até mesmo atitudes “punitivas”, se forem necessárias, porém, respaldadas pela direção da escola.” Segundo Massaguer (2002), a disciplina não depende exclusivamente de um indivíduo.

- A função do professor, escola e família na construção de limites nas crianças

Professora 1: “A família transfere a educação para a escola. A parceria está difícil. A escola faz o contato com a família, mas muitas vezes não é atendida. Fica na consciência e bom senso do educador a tomada de atitudes. Acertar é difícil. Tentar sempre é a nossa missão. A família também tem o seu papel. Seria interessante cumprí-lo, pois não é só pagar a mensalidade.

Professora 2: “Em primeiro lugar a família deve fornecer a criança o alicerce de uma boa educação e apoiar à escola sempre que necessário - O professor deve contribuir para a

educação dos alunos, trabalhando ‘valores’ e fazendo-os compreender através do diálogo os direitos e os deveres que cada um deve ter - A escola deve proporcionar o vínculo entre professor e a família, fornecendo, ambos, o suporte na construção e na formação dos alunos.”

Professor 3: “Precisam trabalhar em parceria, a escola pode ajudar com certeza os pais a fazerem seus filhos aprenderem a respeitar os limites. O professor deve manter os pais sempre informados das atitudes de seus filhos, do modo como a escola e o professor estão trabalhando o problema. Os pais precisam mostrar aos filhos que confiam nesse trabalho e que concordam com ele; só assim a criança sentirá firmeza e confiança para seguir as regras que estão sendo colocadas para ela.”

Professor 4: “Acho que a base da construção de limites é familiar. Quando existe uma estrutura familiar embasada em princípios e valores conscientes, a criança não dá problemas de disciplina na escola. Agora, quando não existe embasamento a criança já vem permissiva de casa. E a imposição de limites pela escola e pelo professor fica para segundo plano, pois a vivência não é a mesma no seu lar. E, aí, criam-se os choques. Acho que os segmentos professor, escola e família têm suas funções distintas, entretanto, complementares; se um segmento estiver fora do contexto prejudica-os demais.”

As professoras 1 e 3 concordaram que a escola deve trabalhar em parceria com a família. A professora 4 acredita que a base na construção de valores é familiar. A professora 2 definiu bem esses papéis ao dizer que “a família deve fornecer à criança o alicerce de uma boa educação e apoiar a escola sempre que necessário. O professor deve contribuir para a educação dos alunos, trabalhando ‘valores’ e fazendo-os compreender, por meio do diálogo, os direitos e os deveres que cada um deve ter. A escola deve proporcionar o vínculo entre professor e a família, fornecendo, ambos, o suporte na construção e na formação dos alunos.” A autora Rego (1996, p. 47), nesse sentido, afirma que “é de fundamental importância uma definição clara de regras disciplinares estabelecidas democraticamente entre diretor, professor e alunos, a comunicação entre escola e família também deve ser estabelecida, bem como as críticas em prol da melhoria.”

- Sugestões para a resolução do problema da indisciplina

Professora 1: “Procurar auxílio do SOE. Diálogo e paciência!”.

Professora 2: “Muita paciência e buscar sempre conhecer o histórico do aluno, que muitas vezes tem algum tipo de problema em casa. Tentar se aproximar desse aluno, buscá-lo, também pode trazer bons resultados.”

Professor 3: “Que seja perseverante, que entenda que a disciplina não se constrói em um dia; às vezes só conseguimos observar a mudança dos alunos no meio do semestre, mas não deve desistir nunca. Segundo Telma Vinha, ‘a criança aprende gradualmente, como resultado da reflexão contínua, da troca de pontos de vista e na coerência dos procedimentos empregados’. Portanto para ensinar disciplina é preciso dedicação e perseverança.”

Professor 4: “É muito difícil dar sugestões, pois as situações são diversas. Cada caso é um caso. Eu, pelo menos, procuro praticar de tudo o que deu certo em outras experiências, ou seja, conversas, paciência, ponderações, equilíbrio, estudos de caso, solicitações de apoio ao SOE quando necessário, mas não posso dizer o que dá certo. São situações e situações, em contextos também distintos. O certo mesmo é o professor ter consciência de que está fazendo o seu melhor para resolver o problema.”

Os dados quanto a este aspecto, para as participantes, foram semelhantes. Para as professoras 1, 2 e 3 é necessário que se tenha paciência. A professora 2 complementou que é preciso conhecer o histórico do aluno. A professora 3 disse que é necessário ser perseverante e que não se deve desistir nunca. A professora 4 completou, ainda, que é preciso praticar de tudo, como por exemplo, “conversas, paciência, ponderações, equilíbrio, estudos de caso, solicitações de apoio ao SOE quando necessário”. Segundo Garrel (2002), nesse aspecto:

a educação e valores devem ser interpretados como um instrumento de mudança, de transformação pessoal e coletiva que permite ajudar a detectar e a criticar os aspectos injustos da realidade cotidiana e das normas vigentes, que impulse a construção de formas de vida mais justa, que permita elaborar de maneira autônoma, racional e dialogada, princípios gerais de valor, assim como conseguir que os estudantes adquiram condutas e hábitos coerentes com os princípios e as normas construídas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa contribuiu bastante para a formação desta acadêmica. Após leitura de várias obras que relatam sobre a disciplina na escola, junto com os dados relatados no trabalho de campo, percebe-se que a indisciplina é um fator muito complexo, que vai além do ambiente escolar. É um assunto delicado e deve ser tratado com um olhar cuidadoso.

A indisciplina é uma dificuldade de comportamento, entretanto, exige atenção do professor e em especial da família, pois esta atenção envolve a auto-estima do aluno. É importante, porém que os envolvidos no processo educativo tenham conhecimento sobre as dificuldades da indisciplina e a falta de limites, a fim de que sejam trabalhados de forma a prevenir a mesma. Julga-se que é imprescindível também que os casos mais graves de indisciplina haja um encaminhamento à equipe pedagógica, bem como especialistas na área. A criação de limites deve ser um processo contínuo, e os estágios mais importantes para estas crianças são os primeiros anos de vida da criança, quando o seu caráter será formado.

O meio externo em que a pessoa ou criança está inserida pode interferir no caráter, na maneira de agir, falar, atuar ou pensar. Por isso, é importante que se tenha uma base familiar sólida quanto à conduta e valores.

Ter limites é importante para o ser humano, pois ele tem a necessidade de se relacionar e, ao chegar ao ambiente escolar, existe um código de ética “universal” que estabelece padrões normatizadores da ação humana, os direitos e deveres da criança que é para ser colocado em prática. A criança que não sabe respeitar limites, muitas vezes, já chega à escola sem os mesmos, tornando-se um aluno indisciplinado que, não tem noção da regras.

Com uma turma, que tenha alunos indisciplinados, o professor irá enfrentar grandes dificuldades, e terá que, por exemplo, fazer com que a turma perceba que em uma sala de aula, para que haja aprendizagem e respeito, é necessário, em primeiro lugar, criar regras de boa convivência.

Sendo assim, concluiu-se que desenvolver limites é ensinar que os direitos são para todos e que existem outras pessoas no mundo. Deve-se fazer com que as crianças compreendam que seus direitos “acabam onde começam os direitos dos outros.”

Deve-se compreender que é preciso saber ouvir “sim” e “não” quando necessário, pois existem ações que podem ser feitas e outras não e que ela deve saber conviver com as pessoas com quem entra em contato diariamente.

A pesquisa feita para a realização deste trabalho, pôde contar com uma ampla referência bibliográfica. Os questionários realizados foram favoráveis para complementar o

que foi estudado pelos autores. Houve muito comprometimento das participantes que demonstraram ter bastante experiência no que diz respeito à indisciplina.

A sugestão encontrada para pesquisas futuras é o aprofundamento de construção de limites na educação infantil, tendo em vista de que a introdução da disciplina é realizada desde o início da vida da criança.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. **Professor bonzinho = aluno difícil**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BARROS, Aidil; LEHFELD, Neide. **Projeto de pesquisa**: propostas metodológicas. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- DONATELLI, Dante. **Quem me educa?** 3. ed. São Paulo: ARX, 2003.
- GARREL, Teresa. Aprender a conviver. In: ANTÚNEZ, Serafin et al. **Disciplina e convivência**: na instituição escolar. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- GROPPA, Aquino. **Indisciplina na escola**. 9. ed. São Paulo: Summus, 2003.
- _____. **Indisciplina**: O contraponto das escolas democráticas. São Paulo: Moderna, 2003.
- GUZZONI, Margarida. **Autoridade na relação educativa**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 1995.
- HOFFMANN, Jussara. **Jogo do contrário em avaliação**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.
- LIBÂNEO, José Carlos. **A democratização da escola pública**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1985.
- MASSAGUER, Miguel. A escola é nossa. In: ANTÚNEZ, Serafin et al. **Disciplina e convivência**: na instituição escolar. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- REBELO, Rosana Aparecida Argento. **Indisciplina escolar**: Causas e Sujeitos. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- REGO, Teresa Cristina. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In: Groppa, Júlio et al. **Indisciplina na escola**. Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.
- TIBA, Içami. **Disciplina**: Limite na medida certa. 28. ed. São Paulo: Gente, 1996.
- VERGÉS, Maritza; SANA, Marli. **Limites e Indisciplina na educação infantil**. 3. ed. São Paulo: Vozes, 2004.
- VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. **Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico**. 3. ed. Campinas: Papirus, 2006.

APÊNDICE

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS EDUCAÇÃO – FACE
CURSO DE PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA SÉRIES
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

NOME: Juliana Almeida de Carvalho Lima

DATA: ____/____/____

QUESTIONÁRIO SOBRE O TEMA: INDISCIPLINA NO AMBIENTE ESCOLAR:
FORMAÇÃO DE LIMITES NAS CRIANÇAS

Prezado (a) Professor (a),

Sou estudante do curso de Pedagogia do UniCEUB, e venho, por meio deste questionário, colher dados para a minha monografia, assim, aprofundando os meus conhecimentos a fim de possa contribuir para a minha formação acadêmica, que tem como objetivo conhecer e compreender sobre a indisciplina no ambiente escolar.

Informo-lhe que haverá a garantia de sigilo aos participantes.

Desde já, agradeço a sua participação.

Juliana

Dados de identificação:

Sexo: ☐ Feminino ☐ Masculino

Faixa Etária: ☐ 20 - 29 ☐ 30 - 39 ☐ 40 - 49 ☐ 50 em diante

Formação Acadêmica:

Tempo de Magistério:

Série em que atua:

Questões

- 1) O que você entende por indisciplina e falta de limites?
- 2) Você tem ou já teve algum aluno com indisciplina? Quais as características que você observou neste aluno?
- 3) Em sua opinião, como deveriam ser feitas as “punições” em alunos indisciplinados?
- 4) Quais procedimentos em sala de aula você encontrou para resolver o problema da indisciplina?
- 5) Que apoio a escola pode dar ao professor quando em sua sala de aula encontra-se um aluno indisciplinado?
- 6) Diante desses 3 focos, a escola, a família e os professores, qual a função de cada um na construção de limites nas crianças?
- 7) Quais sugestões você daria a um professor que tem dificuldades de trabalhar com alunos indisciplinados?

